

## Renata de novo<sup>1</sup>

Ana de Ferro<sup>2</sup>

O texto a seguir deve ser acompanhado no vídeo <https://youtu.be/YEt0IQBv4yA>

Por princípio é o erro. Por eras e eras a história se repete e de repente o deslize. Por evas e evas se opome a dão estabelacida paisagem e queda súbita a era e de erro em eros, de hora em ora, surgem avariadas espécies genealógicamente bifurcadas. E de ovos em ovos não encontramos mais a galinha original embora, por princípio, tenhamos todos ovoluído a partir dela, por partir de suas sílabas a parir gerações e mais regenerações, por partir de cascas irrecuperáveis, para sempre flageladas, que nos destinamos a remontar e obrar, obrar, abrir, para sempre construir, gerar e cair e girar em ascensões e toumbas. Nada disso é n'ovo, o rio é sempre o mesmo. Nada ela a franga – “e eu rio, rio, rio” – incoerente a nos escapar por entre os dedos. Escrevemos ainda assim, determinados a estender as formas possíveis, a didascalizar os invólucros todos que dão conta desta matemática, e falamos, cacoarejando todos os pluriversos (já disse, esta ideia não é nova, é ovo).

C'alma, corramos um pouco mais lento pois que nada disso vai a lugar algum de toda forma a grande mãe joga todos os escombros no mesmo saco intraulterino mas a gente separa as claras nuovomente botados a classificar casquinha por questcequeilya.

Premero: a origem se cofunde com o princípio e toda narra ativa do começo de termina todos os fins.

Sefunda: tudo se multiplica de par em par a parr tire deste premero.

Certeiro: quarto: pinto: sexo: séthimen: coitavo: novo: désceno: dacima Primeiro: tudo recomeça.

Mais perdido que cego em tiroteio? É pira e cegamente fogo de palavras...

---

<sup>1</sup> Comunicação performativa da pesquisa de doutoramento de Ana de Ferro disponível em vídeo em <https://youtu.be/YEt0IQBv4yA>. Em uma relação fluida entre prática e teoria, o trabalho especula sobre as artes cênicas contemporâneas a partir do *Finnegans Wake* de James Joyce. Instigado pela narrativa e pela forma do romance, instaura um debate em torno da ausência de origem que se conduz à cena por meio da observação de quatro performances (4'33" [1952] de John Cage, *A Sagração da Primavera* [2011] de Roger Bernat, *Tragedia Endogonidia* [2002-2004] de Romeo Castellucci e *River of Fundament* [2007-2016] de Matthew Barney). Ainda, o projeto desenvolve respostas performativas às questões sobre as quais reflete, tendo resultado até então em três obras que apontam caminhos para uma próxima etapa da práxis. O texto a seguir transcreve as falas que requisitam seu acompanhamento performoverbovisual no link fornecido.

<sup>2</sup> Ana de Ferro (Ana Caroline Ferreira Costa) é artista e pesquisadora da cena. Interessa-se por esgarçar as relações com espaços físicos e virtuais. Integra o Agora Coletivo como diretora e performer e trabalha como atriz em projetos de diretores parceiros. É doutoranda em Artes Cênicas pela USP e mestra em Estudos Literários pela UFPR. Mais sobre ela em: <https://anadeferro.art/>

Mentiro. Há um alvo. Escuro. Preto retinto. Um breu só. Mas escapa. Fiat lux cortando o céu ao meio e tudo fica delimitado. Vem a noite de envolta e nem tudo tem dois lados (a garganta profunda te engolua de nova). Está claro que unir as pontas, fins confins, é o que desejamos. Mas dizemos sim e o não aperece. Olhamos para a direita e a nuca se vê sinistra. O que podemos fazer para dar cobra se cada um de nós é apenas dois? Um de cada vez, dizemos. E BUM. De bunda quebrando no chão. E lavamos nós untar partinha por portinha.

Então ensaio um academarquês e os senhores me compreendem muito mais. Cito Giambattista Vechio, Diordano da Bruma, Frederico da Noietzsche e Claro Young. Um eterno retorno do mesmo elenco. E segue o argumento: pois que língua é órgão e organiza o paladar: doce, salgado, azedo, com gosto de cabo de guarda-chuva, com gosto de quero-mais, com gosto de amanhecido, com gosto de ansioso que come cru, com um gosto de que dá gosto, com gosto de casa dos outros onde a gente como o que tem, com gosto de quem tá com fome come até pedra. Gosto conhecido de palavras velhas. Velhas palavras de conhecido gosto. De lá par cá e de cá pra lá e BAM o touro bate na gente e a gente é fraco e cai no buraco fundo e escuro preto de breu e BEM bate o sino grande do meio-dia que hoje é domingo e um cachimbo não é só um cachimbo e sin sin sin diz o sininho ao pequeno pecadinho que estamos prestes a come ter além.

Em gula tudo, in forma nada. De través assim fez o Senhor Cage (pois que nem só de palavras, palavras, palavras, se espaça nossa metrificação das maetérias: a vida é cheia de silêncio e fúria).

Entra pianíssimo o homem no palco. Aplauso forte. Senta-se em frente ao. Silêncio pelo que estamos preste a. Música inter rompida pela pausa.

De staccato as barras duplas são arrastas al coda fixação e no sistema agora o fim é simultâneo a da capo.

Não é sim tese, é afirmação que se diz junta. A anteforma da linha musical (aquela porra daquela barulheira toda que aquele caralho de gente não para de fazer o concerto todo gente mal caducada de um calado) emerge e diz o não junto com o sí do som. Sin sin, sin sin: é uma libertação, movimento sforzando que nos joga pra fora daquele pianíssimo (daquele caralho daquela porra daquele em sopor tável) Paradisso.

(Dizem que foi assim desde o princípio e que no princípio era o verbo e Eva fez um trocadilho)

É mera oposição rebelde sem causa, embora a origem seja sempre antiga e de velho testemunho às rígidas Tábulas de Lei. A queda é sempre por desejo (embora possa

ser tanto um salto quanto de assalto auto-infligido por infração). É sempre de graça (e tem graça para os gracejadores que pulam de galho em galho na árvore filogenética dos códigos de conduta). É sempre abusada (ainda que possa ser só um pecadinho pouco de uma palavrinha safada ou o Grande Silêncio dos eternos quatro minutos e trinta e três segundos da monumental putaria que me aprontou este Senhorzinho João Gaiola).

Quatro. Como os quatro evangelistas. Como as quatro estações do ano. Como as quatro fases da lua. Como as quatro partes do *Finnegans Wake* que este senhorzinho tanto leu e não parava de citar em suas obras. Trinta e três como a morte de Cristo. Idade da queda. Do fim. Pois que é assim, rompemos com as verdades eternas para nos reconectar com as verdades eternas. Para que elas entrem em movimento e as vejamos de novo, pois que no escuro não as sabemos mais, e no raio, no choque do positivo com o negado pelas regras da escrita musical, vemos por um segundo a efêmera forma do que sempre está, a origem, e em seguida ouvimos a voz de Deus, grave e brava a nos condenar à ordem novamente.

A coisa ficou mais séria aqui, não? Tudo mais linha, mais mito, mais tradição. É assim mesmo... A levada sempre acha um prumo... Até o próximo raio que a parta. Até a próxima origem, primeira de quatro etapas de ascensão e queda. Até o próximo fim, que assim em língua corrente é outra coisa que não o começo mas que na língua divina é

VITOR: interruperupção. Muito embody ela tenha sido planejada e não por mim. Expio este papel de bode grado. Me ofértil ao grupo nu e cru e passe que risem por mim.

*(Vitor pinta o chão de vermelho e se deita sobre ele. Todos se reúnem à sua revolta. Música.)*

DIRCE: Estamos aqui re-unidos para a queda do Vitorioso. Paz pavor, sin horas e cem flores põe as mãos no chão (*todos o fazem*). Sem oras e sê dores pule num pé sol (*tolos o fazem*). Carolas e credores dá uma giradinha (*pombas o fazem*). E vá pro ovo da lua.

LARISSA: somos quatro fases a gain e eu sou Lar a qual retornamos, palavra-princípio que ordena matar para a chegada da sagrada obra prima a verá.

TODOS: Feliz daquele que não precisou ver para furar os próprios olhos.

ANA: Consagremos. Re citem comigo: Stravinsky é sangrado. Nijinsky é salgado. Bausch é marinada. Bernat é pataquada. Fazemos isso porque nosso é o corpo e o sangue da dança que é o corpo e o sangue do teatro amem.

*(Todos dançam feito um peixe fora d'água até a morte do nosso Tristão).*

DIRCE: O Senhor Bernardo mandou mas obedecemos apenas porque queremos desobedecer e dançar, dançar, descer.

TODOS: É nosso dever e nossa ressagração.

LARISSA: Não estivesse escrito, não saberíamos o que fazer. Seguimos a coreografia da burla.

TODOS: Graças às rubricas. Não somos dignos de vossa escrita, mas dissei uma só palavra e seremos alvos.

*(Black ought).*

ANA: Graças, colegas espectadores, pelo vosso sacrifício. Sem sua participação não nos seria permitido avançar. Pois que assim nos conectamos com o princípio e no princípio erra a dança e dançamos muito antes de orarlizar.

Todo este discurso nos é um grande lugar-comum (eu sei, tu sabes, Joyce se regorrezava de alegria joyful com isso). É tudo uma grande repetição das mesmas sílabas e quebras que nos religam a elas. É importante que estejamos juntos nessa. Somos comuns. Nossa língua é partilhada e quebrada para todos à mesa. Não há um só ouvido que não falhe com ela.

E ó paí ó que tudo precisa se in verter em nós noviamente: quest ajamos sós, prontos pro regresso que cada um terá de fazer por si nest viciosa estrada rumas origens. Aqui nos separamos.

*(Ana não fala do capítulo que está em construção e que explora o oposto do que até aqui falou sobre a quebra da língua que configura uma nauseacessidade contínua de infringir de súbito as regras justamente porque assim nos sentimos conectados com algo maior que é justo para o que os códigos foram inventados e por consequência nos apaixonamos pelo código como falou até aqui não fala e prefere se reservar e se isolar e se*

*isonomear enquanto escreve as regras dessoutro polo wakeano da busca por conectar-se com o passado que ironicamente é justo o que por óbvia oposição será o que nos dará autorização para se descolar dele e fluir ir rir pois antes disso é só dor de si mesmo e de toda sua humanidade que é tão infância e tão traumas e repetição incessante da humanidade de si mesma e essa viagem para si mesmo é a viagem da repetition teatral que se apresenta todas as noites fingindo que já não é outro dia e que depois do retrogresso terá quebrado com essa necessidade de produtividade da modernidade e poderá ser sempre reprodutividade e obra em ex progresso que se faz e se deixa morrer pois que o teatro sempre foi o lugar da morte e basta buscar lá na sua infância para ver que surge a tragédia e foi o que fez Castellucci e como nos festivais antigos sua tragédia se conecta com a cidade e por sistema endogonídio há muita reprodução e morte não só dos signos que são origem como a mãe e o filho e o bicho mas de toda a forma que os acolhe e aparece e perece na terra em que está e para ela deixamos voltar mas não conseguimos por isso também existem os documentos como fez Barney que vai lá longe no rio do fundamento buscar toda esta morte e registra tudo com milhares de câmeras que farão agora cinema pois que o teatro veio viveu e esvaiu e renasce em todos esses numa óbvia oposição pois que tudo sempre tem que se inverter tudo tão difícil e tão longo e tão cheio de referências e tão cheio de imagens violentas e tão cheio de rasgo e tanto sangue e tudo é tão enchente e é tanto é tanto tanto tanto por se passar que é de se perder neste achar a origem da nossa humanidade e cada um de nós terá de fazê-lo só e não é que isso aconteça em outro momento no Finnegans Wake em que a diversão da quebra que gera avanço passou pois que nada passa e estamos sempre no começo e não é isso ou aquilo é tudo tudo tudo tudo tudo junto em grande enorme gigantesca dionisitrágica tensão).*

ANA: E se daqui pra trás não seccionaremos juntos eu gostaria ao menos de falhar da minha jornada de lá de frente até aqui.

Eis a seguir o documento de meu regresso ainda em progresso e que de preguiça deixo prosseguir com a procissão.

Lazy and gentleman, uma examinação em torno da factivação para a encaminhação da Obra em Progresso, uma trilogia de indagação das origens.

Por fim, o teatro. Sua vista privialejada.

*Cartografia* (2018) apresentou deformadas cartas históricas em um áudio que carterava sua ambição de ferro de mostrar o real grafado em pura ironia de dureza cotidiana.

Um áudio que por vezes se cruza com o que está acontecendo.

Uma cena que às vezes se mostra.

Filtros trocados a todo momento para origens móveis de informação.

Um acontecimento para não saber o que aconteceu.

Um happening de palavras, palavras, palavras.

Continuando sem ter começado pela *Sobreposição* (2017) da imagem nas paredes inn ternas e ex tornas de um vídeo sobre minhas origens perdidas, as incertas e as achadas pelo caminho.

Construir a escavação, encontrar a projeção, localizar a migração.

Fica aqui o registro de que essa performance partia de um registro em vídeo que se perdeu por falhas técnicas e que boa parte do registro em vídeo dela se perdeu por falhas técnicas (Deus não joga dados, joga dominó). Fica aqui o registro de que este trabalho foi o que mais gostei porque esgarçava o que é dentro e fora – de mim, da galeria em que tudo se deu, da cidade, do país, do chão que piso ou que me enterro. Fica aqui o registro que eu quero matar a pessoa que não fez este registro direito e que se o corpo dela desaparecer vocês sabem por quem procurar.

E ainda em marcha ré-começamos sem começo pois que ainda não há teatro neste ato feicebuquiano. Oramos sem obra: é mamafesto este *Streaming* (2017).

Este fluxo ainda tende a se alargar e inundar arrastando a Sena que nada era em uma enchente de palavras, palavras, palavras.

Fica aqui o registro de que esse registro foi apagado das redes logo depois de ter sido transmitido ao vivo e que eu achava isso muito legal e genial pois ainda tinha algo de teatral nessa proposta de estar Face a Face naquele momento e aí veio a pandemia e jogou na banalidade tudo isso e ainda me roubou a ilusão de uma proposta original.

Ser ou não ser original. Arrancar da cena as origens como se fez desde a origem.

Me irritou que eu não conseguisse abandonar as palavras. Que raiva dessas palavras, palavras, palavras que não se transformam em ação! Que ódio, que ódio, que ode às

palavras! Que puta rancor do caralho que me veio disso tudo e que porra de tempestade de areia que me arrancou foi o chão.

BUM!

Bom.

O mundo dá voltas e gira em torno do próprio Eixú até chegar no mesmo lugar.

E aí Cage retornou de mim como uma VISÃO e Bernat ressurgiu de súbito como um FANTASMA. Duplos de mim. Corpos antigos meus vagando pela história RENASCENTE. E eu me lembrei de como as origens se rompem sempre na carne. E como numa *EPIFANIA* vi que as palavras não me perseguiram, eu as perseguia. Vi um próximo capítulo disso tudo em que as palavras, palavras, palavras, não deixam a cena, elas viram espaço, volume ALTO, voz DIVINA, dentro e fora ao mesmo tempo. Dentro e fora que já apareciam naquelas experiências mas um de cada vez e o rompimento da barreira era só *desejo*... Agora é vulto, espaço fantasma, espactro. Agora vejo a *atração* dos polos, choque de sentidos que descarga uma luz de raio divino, interrompe o escuro, parte a cena e se departe para morrer de volta no escuro. Uma palavra que retorna às origens, revém a quando começamos a falar pra imitar Deus, quando não sabíamos o que era dentro ou fora e todo o espaço era corpo e era uivo (ganido, palavra) por eras e heras e erros.

Suspeitas que ainda tenho de com formar. E romper e rejuntar. Espero poder falhar mais disso com vocês numa próxima gira. Ou numa capotagem. E poder errar mais em parábolas, melivras, malogros, em queda livre, nada mais que queda livre.

Fim

uma ova.



